

## A HIPÓTESE DA INTERINFLUÊNCIA ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA <sup>1</sup>

Celso FERRAREZI JUNIOR

**RESUMO** *A hipótese do relativismo lingüístico, resultante dos estudos de Whorf, com base nas idéias de Sapir e Boas, e que supõe que a linguagem determina o pensamento, se configura problemática por vários aspectos, entre eles, sua vaguidade. As intuições que as idéias de Boas, Sapir e Whorf refletem, porém, podem ser organizadas em uma hipótese mais ampla que é designada neste trabalho como hipótese da interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura. Para comprovar esta hipótese, colheram-se dados da língua moré, falada pelo povo moré, uma das etnias Chapakura, povos da Amazônia. Esses dados foram contextualizados culturalmente, através da apresentação de informações sobre a história e a cultura morés, bem como de categorias nativas utilizadas por esse povo que refletem sua visão de mundo, de forma a que se pudesse entender os valores do pensamento e da cultura morés expressos em sua língua. Através de três fatos estruturais da língua moré pode-se verificar de que maneira a estrutura lingüística reflete os valores da cultura e do pensamento morés, atuando como forma de expressão e, ao mesmo tempo, de estabelecimento desses mesmos valores, de forma que a própria língua acaba por influenciar o pensamento e a cultura, em um processo cíclico.*

**ABSTRACT** *The hypothesis of linguistic relativism, resulting from Whorf's studies, with basis in Sapir's ideas presupposes that language determines thought, becomes problematic in various aspects, among them, in it's vagueness. The intuitions that are reflected in the works of Boas, Sapir and Whorf can be organized in a broader hypothesis that is designated in this work as the mutual influence between Language, Thought and Culture. To prove this hypothesis, data has been collected of the More language, spoken by the More people, one of the ethnic groups Chapakura of the Amazon. This data has been culturally contextualized through the presentation of information about the More history and culture, as well as how native categories utilized by this people that reflect their world-view, in such a way that values of More Thought and Culture could be understood as expressed in the language. Through the*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, intitulada "Nas Águas dos Itenês: Um estudo Semântico com a Língua Moré", apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 7 de março de 1997, sob a orientação do Prof. Dr. Rodolfo Ilari.

*three presented structural facts of More language, one can verify the reflection of the values of More Culture and Thought, as they act as a form of expression and even establish those same values as the Language itself influences Thought and Culture in a cyclical process.*

## INTRODUÇÃO:

O objetivo deste trabalho é revisitar a idéia whorfiana de que a linguagem determina o pensamento, idéia esta que pode ser considerada uma ampliação dos postulados anteriormente lançados por Boas e Sapir. Conhecida posteriormente como *hipótese Sapir-Whorf*, ou como *hipótese do relativismo lingüístico*, esta idéia de determinação encontra sérias restrições, mesmo se nos baseamos nos exemplos dados nos estudos do próprio Whorf. O resultado desta revisitação é uma ampliação da proposta de Whorf, postulando-se uma hipótese de interinfluência cíclica entre linguagem, pensamento e cultura. A comprovação empírica desta hipótese, pretende-se, deve ser possível em qualquer língua. Utilizo neste estudo, porém, a língua moré, da família Chapakura<sup>2</sup>, da Amazônia, cujas características estruturais se configuram especialmente adequadas ao que se propõe.

### 1. A HIPÓTESE WHORFIANA:

É conveniente, para abordar a hipótese de Whorf, retroceder um pouco no tempo até Boas. Este autor afirmava<sup>3</sup> que, uma vez que o conjunto de experiências humanas difere de povo para povo, as línguas se constituem como sistemas classificatórios diversos, em função das necessidades de expressão virtualmente criadas em cada comunidade lingüística. Assim, para Boas, as línguas possuem embutido em si um princípio de classificação da realidade, mas, a despeito disso, são as diferentes experiências de uma comunidade que acabam por gerar diferentes formas lingüísticas. Mas, embora levasse em conta esta diferença entre as formas de expressão e de classificação, Boas considerava que apenas uma fração do que o falante constrói mentalmente, como sendo seu conceito global do objeto, é expresso na fala. Desta forma, além de classificatórias, as línguas eram consideradas por Boas como sistemas altamente seletivos e econômicos, que determinam escolhas a uma comunidade lingüística.

As idéias de Boas foram aprofundadas por Sapir, seu discípulo mais ilustre. Assim como seu mestre, Sapir cria<sup>4</sup> que as línguas são realmente sistemas classificatórios, mas deu mais ênfase ao fato de que esses sistemas são construídos segundo determinações

---

<sup>2</sup> A grafia tradicional para esta família lingüística é Txapakura. Esta grafia, porém, é muito problemática para um leitor estrangeiro. Há uma tendência atual entre os americanistas de adotar-se a grafia Chapakura, o que faço aqui.

<sup>3</sup> Boas (1911).

<sup>4</sup> Sapir (1921, 24)

coletivas. Além disso, Sapir acrescentou às idéias de Boas o postulado de que cada língua possui uma estrutura sistêmica diferente que determina, em função de sua completude formal, que tipos de classificações serão por ela realizadas. Então, se uma língua é uma forma de atuação social, os padrões estabelecidos em sociedade nela são repetidos, mas vinculados à própria estrutura orgânica do sistema. Em uma passagem memorável do texto de 1921, Sapir argumenta: “*the instrument makes possible the product, the product refines the instrument.*”<sup>5</sup> Este asserto constitui um dos mais significativos progressos de Sapir em relação à teoria de Boas: o fato de que a influência entre o pensamento (social) e a linguagem ocorre, não em uma via de mão única, mas mutuamente.

Whorf, aluno de Sapir, abandona esta última parte da doutrina sapiriana e estabelece<sup>6</sup> que a linguagem atua determinadamente sobre o pensamento e, conseqüentemente sobre as ações humanas. Ele mantém, porém, a idéia de que é através da completude formal aludida por Sapir, completude esta que reflete as peculiaridades orgânicas da língua, que esta influência se dá. Embora não o tivesse dito claramente, a obra de Whorf sugere que cada língua cria um padrão distinto de pensamento no povo que a fala.

Algumas objeções podem ser levantadas à proposta de Whorf. Entre elas, cito:

- a. a hipótese não explica o fato de que línguas com padrões formais semelhantes não geram, obrigatoriamente, padrões culturais semelhantes entre os povos que as falam. Se houvesse uma determinação tão forte como Whorf postula, a semelhança de padrões culturais seria esperada;
- b. a percepção que os homens têm do mundo pode ser igualmente explicada por fatores que vão do biológico ao puramente social. Não há provas claras de que cabe à linguagem determinar ou sequer ordenar a percepção que temos do mundo;
- c. a hipótese não explica o fato de ser possível, a qualquer ser humano normal, aprender uma nova língua natural sem modificar seus padrões culturais ou de pensamento, substancialmente. Se a linguagem é determinativa, uma nova língua deveria determinar novos padrões de comportamento. Não parece ser o caso.

Desde seu estabelecimento, a hipótese de Whorf, talvez por sua vaguidade, possivelmente derivada do fato de que a obra de Whorf não apresenta formulações mais esclarecedoras quanto aos fundamentos de suas idéias, tem sido abordada de forma igualmente vaga. Mas, creio que ela fornece pistas interessantes que podem ser juntadas às idéias originais de Boas e Sapir para a montagem de uma hipótese mais abrangente:

- a. parece consensual que há um tipo qualquer de influência da língua, como sistema classificatório (quase-determinante?) sobre os atos praticados pela comunidade que a fala;

---

<sup>5</sup> “O instrumento permite criar o produto, o produto refina o instrumento.”

<sup>6</sup> Whorf (1939)

- b. por outro lado, pode-se também notar que os atos praticados pela comunidade chegam a influenciar a língua desta mesma comunidade;

Juntemos a estas duas idéias, postulados mais recentes, como os de Franchi (1977), baseado em Humboldt (1836), ratificados em Coudry (1988) e em Geraldi (1993):

“Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva...Não há nada universal, salvo o processo - a forma, a estrutura dessa atividade. (Trata-se de) um sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui referências em que aquele se torna significativo.”(op.cit. p.55)

Esta idéia de constitutividade, de processamento contínuo, criativo, dinâmico, histórico, quase-estruturante, somada aos postulados de Whorf e seus antecessores, conduz a uma nova hipótese sobre o relativismo lingüístico.

## **2. A HIPÓTESE DA INTERINFLUÊNCIA CÍCLICA ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA.**

Neste ponto, já posso expor com mais detalhes a hipótese central deste trabalho e, baseado nas conclusões colhidas até aqui, elaborar seus argumentos básicos, partindo para testá-los nos títulos subseqüentes:

**Hipótese da interinfluência entre cultura, pensamento e linguagem:  
cultura, pensamento e linguagem interagem, interinfluenciando-se de forma cíclica.**

Argumentos básicos desta hipótese:

- a. a cultura de uma comunidade é o conjunto de todos os instrumentos desenvolvidos por esta mesma comunidade para conduzir controladamente as ações da própria comunidade (Geertz, 1970);
- b. a cultura de uma comunidade é o reflexo do pensamento desta comunidade, da visão que esta comunidade tem de seu mundo, de sua realidade (Lévi-Strauss, 1968);
- c. a língua é o principal instrumento de que dispõe esta comunidade para expressar os valores de seu pensamento, sendo portanto o principal instrumento de estabelecimento da cultura (Lévi-Strauss, 1968; Posey, 1984; Hymes, 1966);
- d. como instrumento de estabelecimento dos valores da cultura, a língua atua sobre a própria cultura, na medida em que a estabelece ou em que pode ser utilizada para refutá-la, e sobre o pensamento, por consequência;
- e. atuando sobre o pensamento e a cultura, a língua atua sobre si mesma, uma vez que é instrumento a serviço do pensamento e da cultura. Forma-se daí um processo cíclico de interinfluência entre pensamento, cultura e linguagem, de tal forma constituído

que é tênue a linha de separação que permite ver mais claramente a influência de um sobre o outro.

Vejamos uma ilustração com um fato hipotético<sup>7</sup> para estes argumentos, somente com o objetivo de clarificá-los aqui, sendo que nos capítulos subsequentes procurarei, apresentando exemplos da língua moré, confirmá-los mais claramente:

“Em uma determinada língua L utilizada por uma comunidade C, com suas peculiaridades culturais, o nome estabelecido para um certo pássaro rapineiro é **destruidor**. A rapina, nesta cultura, sempre foi mal vista, pois trata-se de um povo criador de galinhas, e o pássaro recebe um nome que, nesta língua, significa “aquele que destrói”. Este nome tem uma conotação ruim na cultura desta comunidade.

As gerações que surgirem tenderão a ver o pássaro **destruidor** como nocivo, maléfico. Isto é a língua influenciando as novas gerações de falantes, mas porque já foi influenciada pelo pensamento e pela cultura anteriormente, no ato de nomeação do pássaro. Mas, digamos que, em um momento qualquer de sua história, esta comunidade seja afetada por uma praga de roedores que destroem as lavouras de milho. O pássaro **destruidor** poderá assumir um papel importante no combate a esta praga e passar a ser visto como o **destruidor da praga**, ganhando uma conotação boa na cultura. O sentido da palavra que designa o nome do pássaro será modificado por ação da mudança do pensamento e da conseqüente mudança da cultura. As novas gerações receberão valores culturais diferentes expressos pelo nome do pássaro, pois o ciclo de interinfluência entre linguagem, cultura e pensamento atuou decisivamente.”

Passemos agora a exemplos concretos verificáveis na língua moré.

### 3. A CULTURA E A LÍNGUA MORÉS:

O povo moré, da etnia Chapakura, da Amazônia, não é exceção aos demais povos indígenas do Brasil, que passam por um flagrante processo de aculturação e conseqüente caboclicização. Estimado em quatro mil índios em 1950 e contando com cerca de cento e cinquenta indivíduos em 1969 (Grasso, 1982), este povo vive atualmente na aldeia boliviana de Monte Azul, às margens do rio Azul, afluente do rio Guaporé<sup>8</sup>. Dos quase duzentos indivíduos conhecidos atualmente<sup>9</sup>, apenas cerca de dez, todos anciãos, falam a língua moré o suficiente para se constituírem como prováveis informantes. Os demais,

---

<sup>7</sup> Alguns fatos concretos semelhantes puderam ser colhidos junto aos informantes morés. Não possuo, porém, o domínio integral dos detalhes destas narrativas, detalhes estes que seriam importantes na compreensão de tais histórias pelo leitor.

<sup>8</sup> Ou Itenez, em espanhol, o que dá o nome de itenez a esta nação, no território boliviano.

<sup>9</sup> Segundo levantamento sociolinguístico realizado por Vítor (bolsista PIBIC) e Angenot (professor da Universidade Federal de Rondônia) em fins de 1995.

ou entendem malmente o que os anciãos falam, ou nem sequer compreendem qualquer expressão na língua.

O processo de pacificação<sup>10</sup> pelo qual passou o povo moré, atingiu também outras seis nações Chapakura, cujas línguas são dadas como extintas: kitemoka, napeka, torá, chapakura, urupá e yaru. Outras línguas permanecem temporariamente vivas: do miguelenho conhece-se dois falantes idosos vivos; do kuyubi, outros dois em mesma situação. As nações residentes no Brasil, às margens dos rios Laje e Pacaás Novas, no território do município rondoniense de Guajará-Mirim, são as que se encontram mais fora de risco. Trata-se das nações oro win, oro wari, oro mon e oro nao. Algumas contam com mais de dois mil falantes, como a oro wari<sup>11</sup>.

A língua moré possui a peculiaridade de ser puramente isolante<sup>12</sup>, segundo a tipologia humboldtiana (Humboldt, 1836). Os recursos utilizados por esta língua são, portanto, pouco conhecidos, uma vez que diferentes dos que são utilizados pelas línguas aglutinantes e flexionais e uma vez que não se tinha notícia anterior de descrição de outra língua natural puramente isolante. Vejamos, portanto, muito sumariamente, alguns aspectos da gramática do moré<sup>13</sup>:

Em Moré não há quaisquer tipos de afixos ou clíticos, flexionais ou derivacionais. Todas as unidades mórficas são lexemas independentes, invariáveis e plenamente isolados, que apresentam obrigatoriamente uma das quatro estruturas seguintes: #CV:# [φu:] “o vento”), #CVC# [ʔat] “o osso da perna”), #CVCV:# ([βana:] “o caminho”) ou #CVCVC# ([k<sup>x</sup>inam] “a onça”). Desta forma, qualquer que seja o nível da análise morfosintática desenvolvida em Moré ou Wari, haverá tão-somente um nóculo detectável, que é o lexema.

Essas línguas Chapakura utilizam, como disse, recursos pouco convencionais para garantir a inteligibilidade dos seus enunciados. Entre eles, temos a **Coindexação Lexical Associativa (CLA)** - lexemas de mesmo gênero implícito (porque o gênero não é marcado morfológicamente no lexema) ou de mesma pessoa gramatical implícita (porque a pessoa também não é marcada morfológicamente no lexema) são associados entre si na estrutura do enunciado. Assim, vejamos:

1. [[ nama: k<sup>x</sup>ɔn ] [ φuru: /na:/ ʔɔn [ʔari:ji:]]  
[[ o homem (masc.)] [caçar/ passado/ masculino [ a arara (masc.)]]]
2. [[ nama: k<sup>x</sup>ɔn ] [ φuru: /na:/ ʔaŋ [se: me:]]  
[ o homem ] [ caçar/ passado / neutro [ o jacaré (neutro)]]]

Nas orações transitivas, o lexema que atua como verbo é coindexado ao objeto direto através de um lexema de gênero; é esta coindexação que marca o sintagma nominal como objeto. Veja-se que em 1, o “verbo” vem associado ao lexema de gênero

<sup>10</sup> Ou submissão total através da dizimação, ou genocídio.

<sup>11</sup> Segundo dados da Superintendência Regional da Funai em Guajará-Mirim fornecidos em 1996.

<sup>12</sup> Estudos recentes de Angenot e Ferrarezi (1997) comprovam que o mesmo se aplica à língua oro wari. Há indícios de que a afirmação possa ser estendida às demais línguas vivas da família Chapakura.

<sup>13</sup> Para uma explicação mais detalhada v. Angenot e Ferrarezi (1997).

masculino, concordando com o gênero do lexema em função de objeto. Ao mudar-se o gênero do lexema objeto, em 2, altera-se também o lexema de gênero associado ao “verbo”. Essas associações entre lexemas de diferentes gêneros permitem uma sintaxe livre, sem ordem rígida. Mais exemplos serão dados no título 4.

Ocorre, porém, nessas línguas, que há uma preferência ordenativa ou **Ordem Sintática Preferencial (OSP)**, que se configura como um recurso a mais à disposição do falante para elucidação de um enunciado não bem compreendido por um interlocutor. Trata-se de um recurso opcional, diferente, portanto, da CLA, mas que costumeiramente é utilizado pelos falantes. Essa OSP determina uma estruturação dos sintagmas na ordem determinado>determinante e, nas sentenças, uma ordenação sintagmática do tipo SVO ou mais raramente VOS. Cumpre observar que a OSP não sobrepuja a CLA.

Uma outra consequência da aplicação da CLA na determinação da estrutura sintática do enunciado é que se formam grupos de lexemas coindexados que permitem o **Esvaziamento Fonológico Livre (EFL)** de alguns dos lexemas de um grupo, sem o prejuízo do entendimento global do enunciado. Este esvaziamento fonológico ocorre principalmente porque as peculiaridades contextuais de um enunciado marcado por subestruturas de elementos implicitamente coindexados permitem a identificação e recuperação a nível semântico, através dos elementos não esvaziados, daqueles que passaram pelo EFL. Encontra-se normalmente nos enunciados Chapakura, portanto, um complexo esquema de elisões que “enxugam” o enunciado máximo a uma forma minimamente compreensível dentro de um contexto dado.

Os falantes podem recorrer a um outro recurso ainda que é a reduplicação de termos do enunciado, ou mesmo do enunciado completo (RLE). Se houver dificuldades de interpretação do enunciado por parte do interlocutor, os falantes recorrem a dois níveis de reduplicação mais comuns:

- a. reduplicação a nível intra-sintagmático - ocorre principalmente em casos em que o lexema que atua como núcleo determinante é do mesmo gênero e pessoa que o lexema que atua como núcleo determinado. Nestes casos, o falante preferirá reduplicar o determinante (ou um representante lexical do sintagma determinante interior ao sintagma nominal completo), marcando-o como tal;
- b. reduplicação a nível intersintagmático - ocorre principalmente quando o núcleo do sintagma nominal sujeito é do mesmo gênero e pessoa que o núcleo do sintagma nominal objeto. Neste caso, o falante possivelmente preferirá reduplicar o objeto (ou um representante do sintagma nominal objeto) marcando-o como tal.

O contexto da enunciação em uma língua puramente isolante é não só um auxílio para a interpretação do enunciado. Trata-se de um dos recursos mais importantes da língua para que o falante possa levar a interpretação a efeito satisfatoriamente, principalmente para recuperação dos elementos elididos. E é justamente nesse contexto mínimo definido e compartilhado pelos interlocutores que se estabelecem os parâmetros do bom senso comum que servem de esteio para a construção e interpretação dos diversos enunciados, inclusive os poéticos, os mitológicos, os meramente figurativos.

Todos os recursos utilizados pelas línguas Chapakura para garantir a inteligibilidade de seus enunciados são, interessantemente, recursos multiplicadores das possíveis realizações desses mesmos enunciados. O resultado da concomitância da aplicação desses recursos é uma espantosa variedade de formas completamente inteligíveis e usuais, para cada um dos enunciados das línguas Chapakura.

Sobre o lexema, deve-se notar que sua estrutura interna é rígida (Angenot, 1997). Não ocorre variação interna das estruturas porque há fortes restrições fonotáticas, mesmo em caso de combinação/fusão ou recombinação/refusão entre lexemas, cujos compostos resultantes obedecerão estritamente às mesmas restrições.

Quanto a uma taxonomia, diríamos que os lexemas Moré podem ser utilizados indistintamente na qualidade do que tradicionalmente chamaríamos de “verbos”, “nomes substantivos”, “nomes adjetivos”, “nomes adverbiais”, “locativos”, etc. Ou seja, os lexemas dessas línguas possuem um sentido original abstrato que é gramaticalizado como “nome” dos diversos tipos ou “verbo”, etc., única e exclusivamente ao nível do enunciado. Exceção a esta característica “ataxonômica” dos lexemas Chapakura pode ser feita àqueles que designam significados meramente gramaticais, ou seja, àqueles que parecem existir em função da estrutura da língua, de sua gramática, e que exprimem significados como pessoa gramatical, inter-relação entre os sintagmas, elementos de um sintagma ou sentenças, etc. A estes lexemas igualmente isolados e independentes poderíamos, com propriedade, chamar de *gramaticais*. Entretanto, aos outros, não lhes cabe nenhuma das designações tradicionalmente encontradas nos manuais. Houvemos por bem designar as únicas duas classes de lexemas dessas línguas, portanto, de: 1. *classe aberta* - à primeira, com significados exteriores à estrutura gramatical da língua. Esta classe, como é próprio das classes ditas nocionais, cresce ou diminui em número de elementos com o desenvolvimento histórico da língua; 2. *classe fechada* - à segunda, composta por cerca de dez lexemas, cujos significados têm natureza gramatical. Trata-se de um paradigma mais rígido, uma vez que não há a necessidade de alterações em seus elementos ou de acréscimos, visto que a estrutura atual das línguas é suficiente para a expressão cabal do pensamento e da cultura de seus falantes. Uma terceira classe poderia ser considerada, mas não ao nível lexical. Trata-se da classe dos “pronomes”. Na verdade, essas línguas não possuem lexemas pronominais simples, entendido o pronome em sua acepção tradicional. Há grupos de lexemas que, parcialmente cristalizados nas línguas, funcionam como anáforas, catáforas ou determinantes nominais. Conviria considerá-los como uma espécie de “classe sintagmática”.

Uma vez que a língua não possui uma morfologia interna significativa e já que somente existem morfemas lexicais indecomponíveis, não há componente lexical com regras morfofonológicas cíclicas alternando-se com regras morfológicas de inserção de morfemas. Podemos, portanto, considerar que, em Moré, o *input* do componente lexical vazio coincide com o *input* do componente pós-lexical.

Estas brevíssimas (em função do pequeno espaço disponível) observações sobre a estrutura da língua moré serão suficientes para entendermos os exemplos comprobatórios da hipótese de interinfluência entre linguagem, pensamento e cultura. Passemos a eles.

#### 4. ATESTANDO A INTERINFLUÊNCIA ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E CULTURA.

Há, pelo menos, três fatos estruturais da língua moré que servem de forte argumento para comprovar a hipótese até agora defendida. São eles: 1. as coindexações lexicais associativas reveladas através das palavras gramaticais; 2. as construções figurativas e; 3. as gramaticalizações de pressuposições mitológicas em paráfrases de nomes próprios. Vejamos uma a uma:

##### 4.1. Coindexações lexicais associativas:

Observemos o exemplo abaixo:

3. [k<sup>x</sup>inam] [pa: /na: /ʔaŋ [sɛ:me:]]]  
[a onça ][a caça/ passado / neutro [o jacaré]]]

Apresentado na OSP, este exemplo parece claro em função de sua tradução para o português, língua que tem uma sintaxe de ordem rígida. Mas, em moré, como não há qualquer restrição à ordem dos termos na sentença, esta mesma sentença pode ter as formas naturais:

4. [sɛ:me: k<sup>x</sup>inam pa: na: ʔaŋ]  
5. [k<sup>x</sup>inam sɛ:me: pa: ʔaŋ na:]  
6. [pa: k<sup>x</sup>inam na: sɛ:me: ʔaŋ]  
7. [sɛ:me: pa: na: ʔaŋ k<sup>x</sup>inam], etc.,

todas paráfrases de 3, “a onça caçou o jacaré”, e nunca com o significado “o jacaré caçou a onça.” Como a inteligibilidade deste enunciado é garantida? Com base no recurso da CLA. Os lexemas pa:, na:, e ʔaŋ, se associam em função de seus sentidos “a caça”, “tempo passado” e “marca de gênero neutro”, em um composto verbal que indica que “um referente de gênero neutro foi caçado no tempo passado”, que tem sentido em função dos dois outros nomes presentes na sentença. Como esses dois nomes são de seres que podem caçar, mas que também podem ser caçados, cabe à determinação do gênero de cada um a definição de quem foi caçado (ou de quem caçou). Como vimos anteriormente, em uma oração tipicamente transitiva do moré, o verbo vem associado a um lexema do mesmo gênero do objeto. O nome para onça é masculino; o nome para jacaré é neutro. Assim, somente se pode interpretar esta sentença como “a onça caçou o jacaré”, independentemente da ordem em que os termos sejam apresentados. Mas, se a língua não possui qualquer tipo de afixação ou flexão de gênero, ou seja, se as palavras do moré são totalmente isolantes, logo, invariáveis, de onde vem a informação de que [k<sup>x</sup>inam] é masculino e [sɛ:me:] é neutro? Da cultura.

Na mitologia moré, a onça era um homem e o jacaré um dos seres assexuados e estéreis que o deus peixe mantinha sob sua custódia (uma espécie de eunuco das profundezas, mas algumas vezes aludido como sendo uma mulher estéril). Mesmo que hoje os falantes do moré aceitem tacitamente o gênero dos nomes da língua,

estabelecendo como neutros aqueles de gênero indeterminado, pode-se verificar a influência da cultura sobre a forma gramatical e da forma gramatical sobre o pensamento, uma vez que os referentes têm mais probabilidade de serem vistos como espécies que refletem o gênero de seus nomes<sup>14</sup> e a cultura, por consequência, existe e atua de forma cíclica.

#### 4.2. Construções figurativas:

Segundo Greimás & Courtés (1979) e Black (1954-55 e 61), uma construção figurativa na língua é uma operação definível nos termos de uma *função*. No caso de uma metáfora, a função exigirá que o sentido de um elemento de um paradigma semântico, seja transferido para um elemento de outro paradigma semântico. No caso de uma metonímia, a transferência de sentido dar-se-á entre elementos de um mesmo paradigma. Esta forma de ver tais funções como operações entre ou dentro dos paradigmas nada mais é do que uma representação das relações de transferência de sentido por similaridade (metáfora) e por contigüidade (metonímia) da semântica estruturalista. Mas, a pergunta que deve ser feita é: quem ou o quê estabelece esses paradigmas? Cremos que é a cultura que os estabelece.

Na língua moré, como os lexemas básicos (ou simples) são poucos, em função de sua natureza isolante, e, em consequência, os lexemas compostos pela combinação dos lexemas básicos são em número muito maior proporcionalmente, a língua recorre demasiadamente às construções nominais figurativas. Assim, seja para nomes comuns de seres, antropônimos, topônimos, etc., temos quase sempre uma combinação que gera uma figura. Um dos desafios a que me propus foi verificar, junto aos informantes, o que, para eles, se constituía num empréstimo de significados entre elementos de paradigmas diferentes e o que se constituía num empréstimo de significados entre elementos do mesmo paradigma. Alguns dados são especialmente significativos:

8. [m<sup>w</sup>imal / ʔup<sup>w</sup>ək]  
areia / cabeça  
“corvina de água doce”

Para nossa cultura, isto poderia ser considerado como uma metáfora entre peixe e areia, ou até, em última análise, como uma mera descrição do fato de que este tipo de peixe possui duas pequenas pedras de cálcio em uma cavidade do osso occipital. Mas, para os morés, que consideram este tipo de peixe como um dos elementos mitológicos que nasceram da areia da praia, trata-se de uma metonímia. A cultura e o pensamento moré estabelecem uma relação de contigüidade entre este peixe e a praia que forma um único paradigma identificável. O mesmo acontece com

9. [titim / m<sup>w</sup>imal]  
está em/ areia

---

<sup>14</sup> Ou seja, é próprio crer-se que nomes masculinos são dados a seres masculinos.

nome dado a certo pássaro de hábitos praianos (“cuyabo” da praia), igualmente considerado um dos seres nascidos das areias das praias do rio Azul.

Como se pode notar, também aí se nota a interinfluência entre a linguagem e pensamento. Aquela expressa as idéias sobre o mundo, idéias que compõem o pensamento da comunidade que a fala. Por sua vez, essas idéias (ou seja, o pensamento) interferem na cultura.

Uma das formas mais interessantes e notáveis de interferência nos hábitos culturais por parte da língua é a indicação indireta, através dos nomes dos seres, da tecnologia, dominada pela comunidade de fala, mais própria para ser utilizada na realização de certa tarefa. Quando o nome de um animal mostra que ele vive na praia ou no alto das árvores mais altas da mata, este nome dá ao caçador do animal pistas interessantes sobre que tipo de tecnologia deve ser utilizada para a caça. O mesmo se dá quando o nome de um rio indica que suas águas são turbulentas, o nome de um lugar indica que seu relevo é rochoso e íngreme, ou o nome de uma comida indica que ela deve ser assada, cozida ou comida crua. Em todos esses casos, a língua traz em si informações funcionais significativas à cultura e que refletem a forma como a comunidade vê seu próprio mundo.

#### 4.3. Gramaticalizações de pressuposições mitológicas:

Em uma cultura como a moré, em que os mitos e lendas estavam muito vivos na alma dos falantes até há bem pouco tempo, e que, aliás, ainda o estão, na alma dos cerca de dez anciãos restantes, muitas vezes elementos da cultura interferem na estrutura gramaticalizada para uma determinada sentença. Narro aqui um fato interessante ocorrido em uma das sessões de coleta de dados com o informante principal. Veja-se o dado abaixo:

10. [ [pa: ?ari: ji: ] / pa: /na:/ ?on /?ari: ji:]  
[jaguarica (caçar + arara)] / caçar / passado / masculino/ arara  
“A jaguarica caçou a arara.”

Esta sentença foi dada como paráfrase do nome composto [pa: ?ari: ji:] “jaguarica”, que significa literalmente “caçar arara”. O fato interessante desta sentença é que o verbo vem no passado e não no presente contínuo, como ocorre na grande maioria dos exemplos de paráfrases de nomes compostos colhidos. Isto se explica de forma muito interessante. Os nomes para jaguarica e para arara foram atribuídos, segundo os informantes, de forma mítica, em um passado remoto, definido pelos morés como “ancestral”. O nome da jaguarica deve-se, segundo eles, ao fato de ela ter comido uma arara em especial, e não por ela fazer isto ainda hoje, o que obriga o verbo ao passado. O feito da jaguarica somente pôde ser igualado por homens, o que dá uma significação especial ao nome. Este dado apresenta de forma bastante interessante a interinfluência que venho defendendo. As alterações gramaticais às quais o falante se obriga ao montar esta sentença parafrástica, como a colocação do verbo no tempo passado, não podem ser justificadas de outra forma que não pela influência da cultura na

forma da língua, o que resulta em uma influência no e já um reflexo do pensamento de quem usa essa língua como falante nativo. Este dado moré remete ao fato de que o falante somente pode usar sua língua coerentemente se este uso obedece aos padrões culturais em que esta língua se insere e para os quais ela foi, de certa forma, desenvolvida, adaptada. Ao construir uma sentença em moré, para descrever um determinado objeto, parece natural que um moré partirá de sua visão cultural do objeto para descrevê-lo usando o sistema lingüístico moré. Por isso uma representação lingüística do significado do nome da jaguatirica na cultura e na língua morés obriga o verbo ao passado.

## 5. CONCLUSÃO:

Na hipótese que defendi neste trabalho, as palavras-chaves são *influência* e *ciclicidade*, diferentemente da hipótese whorfiana, que defendia a determinação unilateral da linguagem sobre o pensamento. Penso haver um ganho descritivo bastante grande com esta nova hipótese em relação aos fatos observáveis nas línguas naturais, como demonstrei através do moré. Esta hipótese permite, entre outras coisas, dar respostas às três restrições que fiz no título 1 à hipótese de Whorf. Mais do que isso, ela permite explicar relações funcionais entre a linguagem e os fatos culturais de um povo, bem como entre a linguagem e o padrão de pensamento de cada comunidade. O poder previsivo da hipótese também é muito maior em relação ao da teoria proposta por Whorf.

Outro ganho que considero significativo é a acolhida que esta hipótese dá à separação, comum na Antropologia e na Sociologia modernas, entre cultura e pensamento, o que não ocorre na hipótese whorfiana.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ALSTON, W. P. (1990). *Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro, Zahar.
- ANGENOT, J. P. & FERRAREZI (1997). *A Descoberta de Línguas 100% Isolantes: A Família Chapakura, da Amazônia*. Cepla Working Papers on Linguistics, Guajará-Mirim, Centro de Pesquisas das Línguas Amazônicas.
- ANGENOT, J. P. & MÜLLER, D. (1996). *Documentação da Língua Moré: Notas de Fonética e de Fonologia*. Guajará-Mirim, Centro de Pesquisas das Línguas Amazônicas.
- ARAGON, M. M. (1987). *Guia Etnográfica Linguística de Bolívia: Tribos de la Selva*. La Paz, Don Bosco, 1987.
- BAKHTIN, M. (1929). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1982.
- BALÉE, W. & MOORE, D. (1991). *Similarity and Variation in Plant Names in five Tupi-Guarani languages*. Bull, Flórida Museum of Natural History, Biological Sciences, 1991.

- BLACK, M. (1954-55). "Metaphor". In: JOHNSON, M. (ed). **Philosophical Perspectives on Metaphor**. Minneapolis, University of Minnesota Press, sd.
- \_\_\_\_\_. (1961). **Modelos e Metáforas**. Trad. de ZAVALA, V.S. Madrid, Ed.Tecnos, 1966.
- BOAS, F. (1911). **Linguistics and Ethnology**. (Outras Informações não disponíveis).
- CÂMARA JR. J. Mattoso. (1970). **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Vozes.
- CASTEDO, L. D. L. (1957). **El Itenes Salvaje**. La Paz, Ministerio de Educación y Bellas Artes, 1975.
- COUDRY, M. I. H (1986). **Diário de Narciso: Discurso e Afasia**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- DIXON, R. M. N. (1971). "Um Método de Descrição Semântica". In: DASCAL, M. (org.) **Fundamentos Metodológicos da Linguística: Semântica**. Campinas, edição do organizador, 1982.
- DUBOIS, J. et alii. (1973). **Dicionário de Linguística**. São Paulo, Cultrix, 1989.
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem - Atividade Constitutiva. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, jun-jul/1992. Campinas, Papyrus, 1992.
- GEERTZ, C. (1970). **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978
- GERALDI, J. W. (1993). **Portos de Passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- GNERRE, M. (1985). **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- GRASSO, D. E. I. (1982). **Lenguas Indígenas de Bolívia**. La Paz, Ed. Juventud, 1982.
- \_\_\_\_\_. (1985). **Pueblos Indígenas de Bolívia**. La Paz, Ed. Juventud, 1985.
- GREEMBERG, J. (1987). **Language in the America**. MIT Press.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. (1979). **Dicionário de Semiótica**. São Paulo, Cultrix, 1990.
- HUMBOLDT, W. von (1836). **Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaus**. Berlin, reed. Darmstadt, Claassen and Roether, 1949.
- HYMES, D. H. (1961). Linguistic Aspects of Cross-Cultural Personality Study. In: B. Kaplan (ed.) **Studying Personality Cross-Culturally**. pp 313-59, New York, Harper and Row.
- \_\_\_\_\_. (1964). **Language in Culture and Society**. New York, Harper & Row, sd.
- \_\_\_\_\_. (1966). Two Types of Linguistic Relativity. In: W. Bright (ed.), **Sociolinguistics**, Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. The Hague, Mouton.
- \_\_\_\_\_. (1974). **Foundations in Sociolinguistics: an Ethnographic Approach**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- ILARI, R. & GERALDI, J. W. (1992). **Semântica**. Série Princípios, São Paulo, Ática.
- JENSEN, A. A. (1988). **Sistemas Indígenas de Classificação de Aves : Aspectos Comparativos, Ecológicos e Evolutivos**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1988.
- LAKOFF, G. (1982). **Categories and Cognitive Models**. University of Califórnia of Berkeley, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1968). "O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical". In: **Suma Etnológica Brasileira**. Edição Atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis, Darci Ribeiro (editor) et alii, 1987.

- LUCY, J. A. (1992) **Language Diversity an Thought**. Cambridge, Cambridge University Press.
- LYONS, J. (1963) **Structural Semantics. An Analysis of Part os the Vocabulary of Plato**. Oxford, Blackwell, 1963.
- \_\_\_\_\_. (1968) **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge, Cambridge University Press, 1968; trad. fr. *Linguistique Générale. Introduction à la Linguistique Théorique*. Paris, Larousse, 1970.
- MARTINEZ, P. P. & CARVAJAL, J. C. (1985). **Etnias y Lenguas de Bolívia**. La Paz, Instituto Boliviano de Cultura, 1985.
- MÜLLER, D. (1995). **Fonêmica da Língua Moré**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- OLSON, D. R. (1991) **The World on Paper: The Conceptual and Cognitive Implications of Writing and Reading**. Cambridge, Cambridge University Press.
- PAYNE, D. L. (1978). **Phonology and Morphology of Aximinco (Apurucayali Campa)**. PhD Dissertation, The University of Texas of Austin.
- PINTO, M. J. (1977). **Análise Semântica de Línguas Naturais: Caminhos e Obstáculos**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- POSEY, D. A. (1984). "Etnobiologia: Teoria e Prática". In: **Suma Etnológica Brasileira**. Edição Atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis, Darcy Ribeiro(editor) et alii, 1987.
- RODRIGUES, A. D. (1985). **Línguas Brasileiras**. São Paulo, Loyola, 1986.
- SAPIR, E. (1921). "A Língua como Produto Histórico: a Deriva". In: **A Linguagem**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- \_\_\_\_\_. (1924). "O Gramático e a Língua". In: **Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo, Cultrix, 1987.
- SILVERSTEIN, M. (1980). **Cognitive Implications of a Reference Hierarchy**. Paper presented at the Max-Planck-Institut für Psycholinguistik, Nijmegen, The Netherlands.
- \_\_\_\_\_. (1981). **The Limits of Awareness**. Working Papers in Sociolinguistics, no. 84, Austin, Southwestern Educational Laboratory.
- TAVARES, H. (1974). **Teoria Literária**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.
- WHORF, B. (1939). **Lenguaje, Pensamiento y Realidade**. ed Barral. (outras informações não disponíveis).